

Perda para quem especulou

A INFLAÇÃO medida pelo IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas, acabou puxando o tapete daqueles que vinham apostando na alta acentuada dos índices de preços de agosto, através de operações especulativas nos mercados futuros. É estranho que o IGP-M, apurado há vários anos, somente seja questionado por estar, supostamente, depreciado; pelo visto, ninguém pensa em erros quando o índice está ascendente.

MESMO com toda a torcida em favor da alta — que infalivelmente adiciona alguns décimos percentuais aos índices reais — a inflação vem-se comportando dentro das expectativas da equipe econômica, transmitidas à sociedade sem subterfúgios.

NOS últimos anos, o segundo semestre tem sido marcado por uma aceleração da inflação; coincidentemente, acumulam-se no período fatores que contribuem para pressionar os preços. As autoridades já sabiam, portanto, que teriam de atravessar zona de forte turbulência e procuraram se precaver, promovendo cortes no orçamento da União e alertando a opinião pública para que os números não viessem a provocar desânimo generalizado.

E ACONTECEU que, no meio

da tempestade, começaram a aparecer sinais de melhora, detectados principalmente no atacado. Depois de subida espetacular dos preços da carne bovina, por exemplo, as mais recentes coletas de preços detectaram uma desaceleração, que não parece ter sido levado em conta pelos especialistas em prognósticos da inflação. Os reajustes dos insumos industriais também arrefeceram; os materiais de construção até ficaram abaixo da média, depois de terem se destacado entre as maiores elevações.

A ZONA de turbulência deve se estender ainda por algum tempo. Porém, daqui por diante entrarão no cenário cada vez mais fatores positivos. A arrecadação apresenta-se crescente, contando agora com o reforço do IPMF. É até provável que não chegue a se configurar o grande déficit previsto para as finanças públicas, o que permitirá ao Governo manter uma política de redução das taxas de juros reais internas (e de diminuição dos seus próprios encargos financeiros). No plano monetário, o Banco Central adotou medidas para frear a expansão que era consequência do rápido crescimento das reservas cambiais (causado por investimentos de curto prazo no mercado financeiro).

NÃO existem áreas conhecidas de represamentos que possam desencadear nova onda inflacionária a curto prazo. O câmbio, historicamente desestabilizador, até que está com alguma folga, assegurando recordes seguidos nas exportações. Tarifas e preços públicos não apresentam defasagens relevantes. Os salários do funcionalismo federal foram atualizados. E muitos dos passivos da União, que vinham se arrastando há anos, estão sendo equacionados pelo programa de privatização (pouco a pouco vão sendo transformados em moeda alternativa, aceitável nos leilões de estatais).

DENTRO desse contexto, a campanha elucidativa sobre a inflação que um grupo de empresários pretende desencadear em São Paulo pode ser oportuna. Ninguém teria perdido tempo com boatarias e conjecturas sobre eventuais choques se tivesse observado atentamente as séries estatísticas da inflação nos segundos semestres.

A ANÁLISE desses números faria concluir que é extremamente temerário para o Governo recorrer a artificialismos nessa época do ano, dado os fatores sazonais de pressão inflacionária.